



**Na rota  
de Antero  
Insulano**

Gustavo de Fraga

Letras  
**Lavadas**<sup>®</sup>  
edições



Retrato do Professor Doutor Gustavo de Fraga  
Aristides Âmbar, 1990

**Título**  
*Na Rota de Antero Insulano*

**Autor**  
Gustavo de Fraga

**Organização:**  
Maria do Céu Fraga

**Introdução:**  
José Luís Brandão da Luz

**Capa:**  
Ana Teresa  
anateresa.co

**Edição**  
© Letras Lavadas edições

Ponta Delgada, Novembro de 2022

**Paginação e execução gráfica**  
Nova Gráfica, Lda. - Ponta Delgada

**Depósito Legal:** 506955/22

**ISBN:** 978-989-735-419-9

PUBLICOR – Publicações e Publicidade, Lda.  
Rua da Praia dos Santos n.º 10 – S. Roque  
9500-706 Ponta Delgada  
Telefone 296 630 080 | Fax 296 630 089  
E-mail: publicor@publicor.pt | www.publicor.pt

© Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização expressa.

## INTRODUÇÃO

1. Gustavo de Fraga (1922-2003) nasceu na ilha das Flores, mas viveu desde a infância na ilha de S. Miguel. Fez os primeiros estudos em Vila Franca do Campo, frequentando depois, em Ponta Delgada, o então Liceu Central de Antero de Quental e o curso do Magistério Primário, com exame de Estado, em 1942. Radicou-se de seguida em Lisboa para frequentar a universidade, licenciando-se em Ciências Históricas e Filosóficas, ao mesmo tempo que trabalhava como jornalista.

Durante alguns anos estive como leitor de português em Bona, o que lhe permitiu frequentar, nesta cidade e em Colónia, cursos ministrados por professores de referência na área dos estudos fenomenológicos, como Johannes Thyssen, Ludwig Landgrebe, Gerhard Funke. Mais tarde, como bolseiro, realizou investigação para o doutoramento nas universidades de Paris, Friburgo da Brisgóvia e Lovaina, e defendeu, na Universidade de Coimbra, em 1966, a tese com o título *De Husserl a Heidegger. Elementos para uma Problemática da Fenomenologia*.

Fez carreira de professor universitário na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, tendo sido nomeado professor catedrático, em 1981, quando se encontrava na Universidade dos Açores, onde estive em comissão de serviço, de 1976 até à sua aposentação, em 1990. Em todo este tempo de formação, de investigação e ensino, lecionou várias disciplinas, que introduziram o estudo aprofundado dos mais influentes autores da filosofia contemporânea, publicou livros e ensaios no âmbito da fenomenologia e da antropologia filosófica, para além de estudos sobre Descartes, Hegel, entre outros filósofos, e ainda cultivou amizades que gostava sempre de recordar.

Ao regressar a Ponta Delgada, nos primeiros anos da criação da Universidade dos Açores, Gustavo de Fraga alargou o seu campo

de interesses ao estudo de personalidades da cultura açoriana, como José Bruno Carreiro, romancista, dramaturgo e biógrafo de Antero de Quental; Ruy Galvão de Carvalho, professor, poeta, açorianista e estudioso de Antero; João Bernardo de Oliveira Rodrigues, editor de Gaspar Frutuoso e de Frei Agostinho Monte Alverne. Dispensou também alguma atenção a poetas açorianos seus contemporâneos, escrevendo prefácios para os livros de poesia de Lopes de Araújo e José Machado Raposo de Medeiros, respetivamente, *Remos Partidos* e *Versos*, onde registou inestimáveis fragmentos de memórias.

Mas o regresso a Ponta Delgada marcou também o reacender de um interesse por Antero de Quental, a quem dedicou clarificadores ensaios, a grande maioria publicados após a aposentação, entre 1991 e 1994, mais de dez anos depois de uma conferência que proferiu na biblioteca do então Instituto Universitário dos Açores, por ocasião do aniversário do nascimento de Antero, e que foi publicada no primeiro volume da *Arquipélago*, revista da Universidade durante vários anos. Como refere logo no início desta importante publicação, a ligação a Antero perde-se «no tumulto das recordações da infância», pelo que, ao ingressar no Liceu, já tinha consciência do seu valor: «Os seus *Sonetos* e as *Prosas* já me tinham andado pelas mãos, na humilde casa paterna», acrescenta, como quem revive lembranças. Mas o contacto direto com o poeta tem propriamente início em Ponta Delgada, no convívio com o professor de Filosofia do Liceu, Dr. Ruy Galvão de Carvalho, que o colocou perante a «necessidade da meditação de Antero». Como Gustavo de Fraga também deixou escrito, para o Dr. Ruy Galvão, «ser anterianista implicava quase um culto» a que dedicava «afã missionário»<sup>1</sup>. Recordo, como seu aluno no mesmo liceu, as romagens ao túmulo de Antero, a 18 de Abril de cada ano, muitas acompanhadas pelo reitor José de Almeida Pavão, também um humanista, e que terminavam em regra com a recitação dos versos de João de Deus que lá se encontram gravados. Todavia, será o contacto, em Coimbra, com o Professor Joaquim de Carvalho que irá permitir a Gustavo de Fraga uma aproximação a Antero, em profundidade, sem o «entusiasmo fervente (...) de cariz biográfico e pedagógico, enxertado na imagem de um Antero exemplar e edificante»<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Gustavo de Fraga, «Sobre um livro de Manuel Cândido», neste livro, p. 235.

<sup>2</sup> *Ibidem*.

A leitura da obra de Joaquim de Carvalho, que conheceu quando estudava em Lisboa e que o estimulou a frequentar a Universidade de Coimbra, confrontou o jovem estudante-trabalhador com o imperativo de uma abordagem «mais complexa do texto anterior, em prosa e em verso»<sup>3</sup>. Tomou então consciência de que Antero exigia a «mediação do comentário e do confronto com a época, para ser entendido». De regresso aos Açores e ao ocupar-se do poeta-filósofo, talvez em resposta aos apelos para que a universidade se não alheasse das principais referências culturais do meio, o recém-chegado professor recuperou antigos estudos, de que se teria afastado, muito possivelmente por imperativos de carreira. Retomou, por isso, no seu primeiro ensaio, «Reflexão sobre Antero», a linha de investigação aberta pelo professor de Coimbra, centrada na influência de Eduard von Hartmann na obra do poeta-filósofo açoriano, sem deixar de atender também a outras influências, designadamente Hegel, Proudhon e as teorias da evolução, que tanto perturbaram o seu pensamento metafísico. Neste ensaio, que teve origem numa conferência proferida em Ponta Delgada e que, em termos cronológicos, deu praticamente início à série que o presente volume reúne, o autor procedeu ao aprofundamento numa outra conferência que pronunciou sobre o tema, no VIII Congresso Interamericano de Filosofia, realizado em Brasília, em 1972, com o título «Metafísica do Inconsciente no século XIX português: Antero de Quental», e que foi publicada nas respetivas atas, em 1974.

A ligação à poesia e à filosofia de Antero fez-se ao longo do tempo e amadureceu pelo estudo da obra do reputado anteriorista de Coimbra, que pôs Gustavo de Fraga no caminho do entendimento, em profundidade, do pensamento do autor das *Tendências*. A valorização da filosofia de von Hartmann, central para entender Antero, designadamente a superação do pessimismo que o assolou, bem como a nova religião que idealizou e a visão metafísica da realidade que tanto o entusiasmou, enquadrava-se no estudo da filosofia alemã a que Fraga se dedicou como leitor, bolseiro e docente, no percurso que efetuou para o doutoramento e de que a sua obra dá testemunho. Todos estes fatores se conjugaram para que o interesse que devotou aos estudos anteriores acabasse por permitir uma abordagem deste eminente

---

<sup>3</sup> *Ibidem.*

vulto da cultura portuguesa do século XIX a partir, em grande parte, das influências germânicas que o inspiraram.

2. Os primeiros ensaios debatem as influências que se fizeram sentir no pensamento de Antero, com Leibniz, Hegel, Lange e também von Hartmann a serem apresentados como as «fontes alemãs do idealismo, que Joaquim de Carvalho privilegiou»<sup>4</sup>. Fazem ainda parte ou prolongam esta orientação os autores franceses Renan, Quinet, Michelet e Proudhon, este último, em especial, que desvinculou a ideia de justiça da sua antiga origem jusnaturalista, reportando-se, nesta matéria a Kant, que a fez derivar da consciência moral. A visão proudhoniana de que a justiça constitui a essência da sociedade, em oposição a uma conceção moral de origem transcendente, torna-a no novo alicerce da reedificação moral do homem e da reorganização da sociedade. É assim inteiramente desligada de tudo o que lhe seja anterior ou exterior, como o Estado ou a religião, e dependente da consciência e da vontade, ou seja, da razão prática que se constitui em elemento determinante na esfera da vida jurídica. Mais do que uma simples ideia, é uma realidade intimamente ligada à dimensão social do homem, que não responde a imperativos da consciência em que a inspiração divina se anuncia, mas promove a coexistência de vontades no quadro da ordem jurídica que é acordada.

A leitura de Proudhon, que se enquadra na atmosfera dos estudos que Antero dedicou ao pensamento de Hegel, contribuiu também para a revisão da sua ligação ao filósofo idealista, afastando-o do itinerário da negatividade de uma consciência que perdia de vista a realidade social. Na crítica de Proudhon, a visão hegeliana da realidade social enferma de um indisfarçável artificialismo por querer reduzir as antinomias, que muitas vezes a devastam, a um simples processo de superação, que as anula. Para o operário-filósofo francês, porém, as antinomias sociais não são suscetíveis de anulamento, mas, pelo contrário, apresentam sempre «uma oscilação ou antagonismo suscetível apenas de equilíbrio»<sup>5</sup>, como escreve na sua obra capital, *A Justiça na Revolução e na Igreja*, que Gustavo de Fraga cita. A inspiração idealista dos filósofos

---

<sup>4</sup> Gustavo de Fraga, «Reflexão sobre Antero», p. 147.

<sup>5</sup> *Ibidem*, p.152.

franceses, ao mesmo tempo que permitiu valorizar categorias mais realistas para pensar o mundo social, possibilitou também articular a justiça com a dignidade e igualdade de todos, enquanto dotados de uma natureza racional. O pensamento e a militância política de Antero ganharam, desta forma, um enraizamento social que foi ao encontro de uma sensibilidade muito conformada com a moral cristã de pendor afetivo, como Gustavo de Fraga salienta.

3. Outro aspeto assinalável destes penetrantes ensaios refere-se à crítica anterioriana ao positivismo e materialismo, doutrinas que conheciam forte irradiação nos ambientes culturais do país e também do estrangeiro, por considerarem que a especulação filosófica tinha sido substituída pelas novas teorias e explicações científicas. Gustavo de Fraga dedica especial atenção ao contributo que a obra de Eduard von Hartmann trouxe para definir o alinhamento de Antero neste combate e para estabelecer os vetores que permitiram conciliá-lo com a mundividência aberta pelos novos dados da ciência, de modo especial os referentes à teoria da evolução, e à visão espiritualista proposta pelo filósofo alemão. Para von Hartmann, a natureza não se explica por si mesma, mas remete para uma fundamentação metafísica. O determinismo mecânico do devir da natureza e do mundo vivo traz consigo a força de um princípio teleológico que, em lugar de conduzir ao aniquilamento, o expande e consolida, nas várias fases que marcam o seu desenvolvimento. No evoluir do processo mecânico do mundo natural, Hartmann faz sobressair, por meio de uma especulação vigorosa, um princípio teleológico que o guia na direção certa. A intencionalidade que lhe assinala o sentido compreende-se como uma Vontade inscrita na natureza, e encaminha-a para estados de maior perfeição. No meio do «otimismo naturalista», que não deixava lugar a soluções de índole metafísica, a integração que a filosofia de von Hartmann assegurava aos novos problemas levantados pelas ciências da natureza trazia a Antero a orientação especulativa que procurava. No dizer de Joaquim de Carvalho, Hartmann ficou sendo para Antero «o seu filósofo»<sup>6</sup>, o que, na expressão mais assertiva de Gustavo de Fraga,

---

<sup>6</sup> Joaquim de Carvalho, «Antero de Quental e a filosofia de Eduardo de Hartmann», p. 425.

o fez passar «definitivamente da dependência de uma tradição ainda francesa para a dependência de uma tradição predominantemente alemã»<sup>7</sup>.

O primeiro contato de Antero com o pensamento de von Hartmann fez-se por via indireta, conforme apurou Joaquim de Carvalho, e provocou inicialmente no poeta e pensador açoriano «uma ação de abalo»<sup>8</sup>, que deu depois lugar a um prolongado e apurado estudo. O professor de Coimbra procurou descortinar numa série de sonetos, escritos a partir de 1872, o reflexo das concepções filosóficas do autor da *Filosofia do Inconsciente* e de *A Religião do Futuro*, onde sobressaem, ainda de uma forma impressionista no seu início, o pessimismo, na linha da sua superação, a visão espiritualista do mundo e a questão religiosa. Apesar de deixar passar a ideia de que teria sido transitória a influência do filósofo alemão no pensamento de Antero, acrescenta que «nem por isso deixou de ser real e profunda»<sup>9</sup> e num ensaio posterior em que regressa ao assunto, não deixa de tomar por seguro que a obra de von Hartmann se encontra entre «as leituras que mais ativa e poderosamente influíram na constituição e no teor do pensamento das *Tendências*»<sup>10</sup>, ao ponto de reconhecer, no paralelismo que estabelece com Hegel, que se este «foi o seu mestre na mocidade (...), o filósofo do Inconsciente foi o seu mestre na maturidade».

4. Para Gustavo de Fraga, Eduard von Hartmann foi «o grande interlocutor de Antero quando este tomou ‘a pele’ de filósofo»<sup>11</sup>, pelo que é nos principais textos filosóficos do poeta e pensador, e não tanto nos sonetos, que se propõe «rastrear» a sua presença. Em primeiro lugar, ao nível da desconstrução do monismo professado pelo evolucionismo, em que as categorias hartmannianas de *substância*, *causa*, *fim* servirão de suporte a uma interpretação consistente dos dados recolhidos pela observação científica. A ciência reclama o ponto de vista da especulação filosófica para conferir a unidade e a consistência que não

---

<sup>7</sup> Gustavo de Fraga, «Reflexão sobre Antero», p. 155.

<sup>8</sup> Joaquim de Carvalho, «Antero de Quental e a filosofia de Eduardo de Hartmann», p. 425.

<sup>9</sup> *Ibidem*.

<sup>10</sup> Joaquim de Carvalho, «Evolução espiritual de Antero», p. 689.

<sup>11</sup> Gustavo de Fraga, «Reflexão sobre Antero», p.160.

encontra nos dados fenoménicos, e assim entender as suas observações e descobertas. Em segundo lugar, procura descobrir a presença de von Hartmann ao nível da compreensão das noções metafísicas de Deus, da consciência, da liberdade e da ideia de bem, como elementos que não são de índole transcendente e alheios à natureza, nem provêm do mundo exterior, mas nascem de um ímpeto de espontaneidade «sepultado na inconsciência das coisas»<sup>12</sup> e que as faz expandir. A relação entre o determinismo mecânico do mundo natural e a liberdade, que só no homem se manifesta, não se compreende pelo monismo materialista, incapaz de integrar na sua mundividência as especificidades do espírito. Pelo contrário, esta relação opera-se em termos da espontaneidade que atravessa a natureza, desde a molécula mais elementar à liberdade humana. A vitalidade que habita a mecânica do mundo natural irrompe no mundo inorgânico e conhece sucessivas diferenciações, alimentadas por uma espontaneidade imanente à natureza que é da ordem da liberdade. A especulação metafísica faz a leitura desta homologia, não em termos regressivos, que a conduziriam ao materialismo, mas percebendo, antes, graus diversos de evolução em que determinismo e liberdade se compreendem numa ordem de menos para mais espontaneidade.

A ação do homem na história arranca-nos do fundo do Inconsciente, que se encontra na essência de todas as coisas, fazendo irromper o espírito humano como medida do próprio agir. Este constitui o momento mais elevado da evolução, no qual a expressão plena da espontaneidade do eu se identifica com a sua essência absoluta, ou seja, com o seu próprio bem. A este nível, o eu perde de vista os seus interesses individuais e mundanos e coincide apenas com a sua dimensão universal, que é o último momento da evolução em que o próprio bem se realiza. O termo final da evolução, ao contrário do monismo que nos conduziria ao determinismo material, enuncia-se nos mais primitivos sinais de espontaneidade da natureza, que nos encaminham para a libertação absoluta dos constrangimentos de um ego agrilhado pelas suas ancestrais dependências.

Os dados que a ciência foi apurando não foram ignorados ou negligenciados, mas integrados num nível superior de compreensão

---

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 164.

da realidade humana, marcado pelas novas dimensões que a espiritualidade foi introduzindo: a liberdade, o bem, o absoluto. Por intermédio do homem, todo o universo se compreende como aspiração à liberdade, que é a negação de toda a centralidade individual, que alimenta o egoísmo, e a afirmação incondicional da espontaneidade absoluta do eu: «o progresso da humanidade é um facto de ordem essencialmente moral, acabando-se pela consciência a obra iniciada pelo Inconsciente»<sup>13</sup>. A especulação metafísica descobre a dimensão ética da evolução do ser, aferindo, pelo grau de espiritualização do eu, o gradiente da elevação moral do indivíduo e do progresso social. O último momento de evolução do ser é o bem que coincide com a perfeita identificação do eu com a sua essência absoluta, plenamente liberta de todos os constrangimentos próprios da consciência individual. Toda a subjetividade egoísta do eu se vê anulada nesse momento último da espontaneidade inicial que, assumindo-se como liberdade, afasta do horizonte todas as sombras de egoísmo da vontade, pela afirmação do bem sem condições, que «nos faz passar da ética à religião»<sup>14</sup>.

5. Será ao nível da conceção da religião que Gustavo de Fraga encontra em Antero reservas ao panteísmo espiritualista de von Hartmann. A ideia de um Deus imanente a reger o mundo por leis imutáveis constitui um sinal do «espírito moderno», no esforço de «conciliação do mundo do homem e do mundo da ciência»<sup>15</sup>. Porém, a falta de lugar para o Deus pessoal e transcendente do cristianismo, que a carta a Anselmo de Andrade e outros escritos reclamam, torna aos olhos de Gustavo de Fraga uma «síntese impossível» entre Antero e von Hartmann. Apesar da extrema liberdade com que se apropria do Cristianismo, Antero conservou traços que não permitiam fácil conciliação com o panteísmo. Se a filosofia do Inconsciente o libertou «do jugo do pessimismo naturalista»<sup>16</sup>, a dissolução do eu individual no Eu absoluto, liberto de todo o determinismo, submerge-o em Deus como algo de universal e absoluto, mas, simultaneamente, impessoal e totalmente imanente à harmonia do mundo. A conquista da liberdade

---

<sup>13</sup> *Ibidem*.

<sup>14</sup> *Ibidem*, p. 165.

<sup>15</sup> Gustavo de Fraga, «A síntese impossível», p. 141.

<sup>16</sup> *Ibidem*, p. 137.

opera-se por via do aniquilamento do eu individual, num princípio absoluto que não faz concessão aos egoísmos que o prendiam à sua singularidade. No entanto, esta dissolução do eu, que o faz sepultar em Deus, trouxe também consigo a morte de Deus, consumada na visão panteísta do absoluto. Gustavo de Fraga vê nesta aproximação de Antero ao filósofo alemão «um conflito dramático com as aspirações manifestadas e vividas pelo autor, em 1866, de ‘O sentimento da imortalidade’»<sup>17</sup>, escrito muito tempo antes do seu envolvimento com von Hartmann, assim como em outros escritos posteriores. Por isso levanta a dúvida sobre a dimensão da influência do autor alemão no pensamento de Antero e sugere a permanência da filosofia de Hegel, em que Deus é concebido, não nos termos de uma consciência finita, mas como substância eterna que é também sujeito, detentor de um conhecimento de si. E evoca diversas leituras, de Feuerbach e Strauss, a Kant, Leibniz, Proudhon e outros autores da bibliografia da cadeira de Filosofia do Direito, que o poeta-filósofo frequentou em Coimbra, para moderar a ideia de «que Antero adotou a visão filosófica de von Hartmann sem reservas»<sup>18</sup>. Recorre, por isso, em favor desta perspetiva, a alguns sonetos do período tardio em que a proximidade a von Hartmann não deixa de esconder algo de íntimo, que reserva com receio de ser mal compreendido. Esta ocultação depõe a favor da ideia, sugere Gustavo de Fraga, de que a linguagem utilizada por Antero «não é só filosófica e literária, é também muito pessoal, em virtude do acordo que o autor pretende manter consigo próprio»<sup>19</sup>. O «espírito cristão» não se tinha exaurido em Antero<sup>20</sup>, continuando a ser uma fonte subterrânea de resistências que o fez preferir o Cristianismo ao Budismo, por considerá-lo «uma forma sentimental mais pura, mais humana». Recorrendo a alguns sonetos, Gustavo de Fraga aposta em ver Antero como o romeiro da expressão verbal que estabelece a conciliação do Cristianismo com os apelos que irrompem do novo mundo. Não o consegue por via da especulação, pois a superação ética da ruína da existência faz sobressair o ideal, mas aniquila o indivíduo

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 138.

<sup>18</sup> Gustavo de Fraga, «Reflexão sobre Antero», p. 165.

<sup>19</sup> Gustavo de Fraga, «A síntese impossível», p. 142.

<sup>20</sup> Cf. Joaquim de Carvalho, «Antero de Quental e a filosofia de Eduardo de Hartmann», pp. 428-429.

na forma absoluta de um Deus que viu afundada na imanência a transcendência do seu ser pessoal. O esforço para um conhecimento especulativo de Deus tropeçou na sua própria debilidade e tudo se perdeu na noite escura, num som distante que mal se ouvia: «Um bramido, um queixume, e nada mais...»

6. O federalismo peninsular e o iberismo são ainda temas em dois ensaios que procuram vislumbrar a posição de Antero no contexto do liberalismo do século XIX, em Portugal e Espanha,. O tema surge em Antero num ambiente de crise nacional marcado pela «prolongada interferência militar inglesa em Portugal, a dependência económica (...), a instabilidade política crónica que, a partir de 1834, desacreditou a Monarquia constitucional, o parlamento e os partidos»<sup>21</sup>. A decadência portuguesa, a par da crescente animosidade contra os ingleses, fez alastrar a descrença e o descrédito, chegando até a suscitar quer o protesto de Proudhon, que considerou a exploração levada a cabo pelos ingleses como um insulto à Europa, quer o de Lenine, que dava o nosso país como exemplo de uma escandalosa exploração imperialista. No delinear dos contornos que o tema ganhou no pensamento de Antero, Gustavo de Fraga evoca o entusiasmo de Castilho na receção da obra *Estudos sobre a Reforma de Portugal* de Henriques Nogueira. A proximidade com o árcade romântico, quando este viveu em Ponta Delgada, teria chamado a atenção de Antero para a obra de Nogueira e contribuído para conferir crédito à ideia do «federalismo peninsular como solução para as dificuldades portuguesas, para a nossa decadência histórica e para a nossa falta de poder, e positivamente com base na ‘pátria espanhola’ comum»<sup>22</sup>. Na formulação anterioriana do assunto, encontra-se também a conceção de Proudhon, que apresentava o federalismo democrático como uma forma política ideal assente em pequenas unidades autónomas, as comunas, e concebia a comunidade internacional como uma federação de Estados. Fruto do enviesamento que uma certa leitura ideológica permitia da situação portuguesa, que tinha encontrado na Regeneração um período de reabilitação e de relançamento externo, nos escritos anteriorianos da crise portuguesa, tudo

---

<sup>21</sup> Gustavo de Fraga, «Antero e o federalismo peninsular», p. 191.

<sup>22</sup> *Ibidem*, p. 189.

«converge em mostrar que ela é definitiva e irremediável, no quadro político nacional, o que, na sua convicção, não implica que se desista de salvar o povo português integrando-o num espaço nacional mais largo: a revolução não se fará sem abater as fronteiras da nacionalidade»<sup>23</sup>. Duas cartas de 1891 dão ainda conta das virtudes do ideal iberista<sup>24</sup>, que persistiu em Antero apesar de reconhecer a impopularidade de que gozava entre a generalidade dos portugueses.

7. Gustavo de Fraga, em «Os discípulos de Antero», chama a atenção para o crescente interesse que a obra do poeta-filósofo suscitou no século passado. Leonardo de Coimbra merece particular ponderação, por apresentar Antero «numa linhagem de filósofos que, pelo espírito e temas, definem a ‘filosofia portuguesa’»<sup>25</sup>, mas Joaquim de Carvalho é também referido com destaque, por ter iniciado um estilo de abordagem ao seu pensamento a partir de uma perspetiva histórico-evolutiva, ou seja, «por fases marcadas pela cronologia de sucessos determinantes»<sup>26</sup>. Esta forma de aproximação à obra de Antero, de teor mais analítico e menos apologético, sucede ao período de veneração e encantamento que culminou no *In Memoriam*, muito marcado pelos sentimentos de fascínio e exaltação dos que partilharam o seu convívio intelectual com grande proximidade. O distanciamento que o correr do tempo fez aumentar encarregou-se de ir esmorecendo a devoção inicial, dando lugar a uma visão do poeta e do pensador «para além da lenda, e do encanto do homem»<sup>27</sup>. Para esta mudança de atitude, que trouxe uma crescente valorização ao seu pensamento, não teriam sido alheias, avança Gustavo de Fraga, a crise que atingia o racionalismo e, simultaneamente, a abertura da filosofia a campos mais vastos da experiência da vida humana que ressoavam na poesia e na obra especulativa de Antero. Tudo isto teria feito despontar um interesse particularmente notável pelo estudo do poeta e pensador, em vários autores portugueses do século XX, que assim não deixaram extinguir a sua voz. Lúcio Craveiro da Silva merece também atenção

<sup>23</sup> *Ibidem*, p. 205.

<sup>24</sup> Gustavo de Fraga, «Na rota de Antero Insulano», p. 59.

<sup>25</sup> Gustavo de Fraga, «Os discípulos de Antero», p. 102.

<sup>26</sup> *Ibidem*, p. 103.

<sup>27</sup> *Ibidem*, p. 96.

especial, não apenas pelos estudos que dedicou ao pensamento de Antero, seguindo o seu andamento evolutivo, na linha metodológica aberta pela obra de Joaquim de Carvalho, mas por ter confessado particular afinidade com o seu legado temático que, na enumeração de Gustavo de Fraga, contempla os domínios seguintes: «espiritualismo; busca de Deus; sentido da existência ligado à preocupação moral e ao problema da dor; valor das ciências e da metafísica; reação contra um intelectualismo que despreze as vozes do coração»<sup>28</sup>.

Inclinado a abordar o pensamento de Antero no debate que manteve com vários autores, por via não apenas da profusão de leituras que fazia, mas principalmente dos prolongados estudos da obra filosófica de diversos pensadores, Gustavo de Fraga dedica ainda algum cuidado ao exame das «raízes do pensamento anteriano, nos seus primeiros contactos com a escola jusfilosófica da Coimbra do seu tempo, que teve de estudar e lhe abriu horizontes – sem a exigência de o explicar totalmente por ela»<sup>29</sup>. A relevância do krausismo, muito valorizado por António Braz Teixeira no apuramento da matriz teórica do pensamento de Antero, é objeto de confrontação com o processo de fragmentação do monolitismo escolástico que tinha por base o sistema suareziano vertido na metafísica da *Disputationes* e na filosofia do direito do *De Legibus*. Os lentes da escola jurídica de Coimbra foram integrando novos autores no programa dos cursos, que não deixariam de irradiar a sua influência nas novas gerações de estudantes que os frequentavam. Braz Teixeira sublinha a relevância que tiveram muitos temas da *Filosofia do Direito* de Rodrigues de Brito na formulação espiritualista das problemáticas anterianas em torno da natureza e do homem. A imposição estatutária da Universidade de Coimbra, que prescrevia para os cursos uma orientação eclética, fez agregar uma panóplia de autores, entre os quais Krause, interpretado sobretudo pelos discípulos Ahrens e Tiberghien, mas também Kant, conhecido através da *Metafísica dos Costumes*, o que conferia ao ensino ministrado na Universidade uma orientação que integrava, nem sempre da melhor maneira, elementos escolásticos e racionalistas, conforme assevera Cabral de Moncada, a que Gustavo de Fraga faz alusão<sup>30</sup>. Será desta

---

<sup>28</sup> *Ibidem*, p. 107.

<sup>29</sup> *Ibidem*, p. 97.

<sup>30</sup> *Ibidem*, pp. 124-125.

forma muito pertinente atender a uma leitura do pensamento de Antero na linha de influência de Rodrigues de Brito, mas não será também de «esquecer a tradição conimbricense de Suárez»<sup>31</sup>, a quem Gustavo de Fraga dedica pormenorizada atenção.

8. A índole memorialista dos primeiros dois textos da segunda parte do presente volume, ao mesmo tempo que ajuda a refazer ambientes e contextos socioculturais e políticos do passado, acrescenta um impressionante recorte anterior à visão crítica da obra dos autores neles referidos. O primeiro texto, fruto de uma conferência pronunciada por Gustavo de Fraga no primeiro centenário do nascimento de José Bruno Carreiro, aborda o eclodir do antissemitismo em vários países europeus, a propósito do caso Dreyfus. *O Drama do Capitão Dreyfus*, de José Bruno, toma a questão do ponto de vista ético-jurídico e procura reconstituir a cronologia dos acontecimentos, com o apoio de documentação histórica, evitando desta forma «a dramatização literária da biografia romanceada»<sup>32</sup>. Mas o mais relevante da conferência diz respeito à «monumental biografia» de Antero, que José Bruno publicou em dois volumes a partir da versão preliminar que parte dela conheceu nas páginas do jornal *Correio dos Açores*, onde manteve intensa colaboração. Trata-se de um estudo inexcedível sobre «a vida diária e íntima de Antero de Quental, no tempo em que viveu em São Miguel», e em que José Bruno também estuda as vicissitudes da vida do poeta que marcaram a sua obra. O confronto com a cronologia e a «documentação erudita» permitem acompanhar a evolução literária do poeta, corrigir a data de alguns sonetos e seguir a superação da crise pessimista que prepara «o Santo Antero final, o homem que conquista o sossego de espírito e se resolve a viver uma vida de família, pela adoção das duas filhas órfãs de Germano Meireles»<sup>33</sup>.

O segundo texto respeita a apresentação de um livro de Manuel Cândido Pimentel sobre Antero, contendo ensaios e conferências que testemunham o seu envolvimento nas comemorações do primeiro centenário da morte do poeta dos *Sonetos*. A conjugação destes

---

<sup>31</sup> *Ibidem*, p. 126.

<sup>32</sup> Gustavo de Fraga, «José Bruno Carreiro – o anterianista», p. 217.

<sup>33</sup> *Ibidem*, p. 230.

primeiros estudos sobre o pensamento de Antero com a dissertação de mestrado sobre Leonardo Coimbra, que apresentou na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 1991, tornou Manuel Cândido «uma das figuras mais esperançosas das novas gerações, no domínio dos estudos filosóficos portugueses»<sup>34</sup>, escreveu na altura o apresentador da obra *Antero de Quental. Uma Filosofia do Paradoxo*. Gustavo de Fraga sublinha a presença de Leonardo nos ensaios consagrados ao pensamento de Antero, que Manuel Cândido apresenta como um precursor do criacionismo, sugerindo mesmo a denominação de “pré-criacionismo” para o caracterizar. Um aspeto particular da análise diz respeito à interpretação da antinomia da vontade individual e do Absoluto, questão amplamente debatida na última parte das *Tendências* e que Manuel Cândido procura entender, segundo um esquema formalista, como uma equilíbrio permanente que não anula nunca o paradoxo, ou seja, como «uma adequação progressiva ao Absoluto (ideal de perfeição), e não a dissolução da consciência no Absoluto»<sup>35</sup>. Procura-se, desta forma, contornar a questão da falência da dimensão pessoal que a lógica do sistema parece obrigar a excluir da conceção anterior de Deus, o que permite a Gustavo de Fraga envolver-se numa série de pertinentes considerações sobre as duas formas divergentes de abordar o «mistério de Deus», que denomina como sendo o «último mistério do homem». Por um lado, o caminho substancialista, trilhado por Espinosa e creio podermos também acrescentar o que foi proposto pela filosofia aristotélica e pelos que seguem a sua inspiração. É um percurso que arrasta no seu andamento dialético uma cadeia de conceitos que se amparam e sujeitam mutuamente, mas que «degrada o mistério em problema» e alimenta o sonho sempre por cumprir de o integrar na disciplina de um sistema de razão. Por outro lado, o caminho de uma «‘filosofia que nos saia do coração’, que não tema ‘a comoção como uma vergonha’»<sup>36</sup>, como enuncia a carta a Anselmo de Andrade, e que, mais tarde, veio a ser teorizada por Gabriel Marcel e Karl Jaspers, como refere Gustavo de Fraga. É a via que «põe a exigência de uma filosofia que vá ‘de alma em alma’ e que não se dê

<sup>34</sup> Gustavo de Fraga, «Sobre um livro de Manuel Cândido», p. 234.

<sup>35</sup> *Ibidem*, p. 239.

<sup>36</sup> *Ibidem*, p. 242.

em sistema, o qual expulsa o lado trágico da vida humana»<sup>37</sup>. Trata-se, pois, de uma filosofia que brota da descoberta da existência «que se deseja iluminar», como bem viu Jaspers, que é longamente citado. O percurso de Antero mostra as escoriações de um andamento incerto que o fazia persistir no sonho de um sistema sempre por fazer, mas permanentemente acompanhado pelos apelos irresistíveis de um sentimento que o mantinha preso a uma concepção cristã do mundo.

Finalmente, completa a segunda parte deste precioso livro o prólogo do *Catálogo da Livraria de Antero*, publicação editada pela Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, por ocasião do centenário da morte do poeta. Nele se recupera a tramitação que envolveu o valioso legado, desde as disposições testamentárias, de 1880 e 1890, que mantiveram sem alteração o destinatário da doação, ao processo de transferência, instalação e cerimónia de abertura ao público da livraria de Antero, assim como a classificação das obras e os anteriores catálogos elaborados. Para além destes aspetos, há ainda a salientar, como bem observou, na nota preliminar do *Catálogo*, o então diretor da Biblioteca Pública Prof. Doutor José de Almeida Pavão, a particularidade do prólogo lembrar a vida do poeta-filósofo, na vertente «das suas relações socioculturais no meio micaelense, onde, para além do período da sua infância e juventude, ainda muito tempo viveu», se atendermos às estadias mais ou menos prolongadas na ilha, a que se manteve sempre ligado.

\*

Os ensaios anteriores de Gustavo de Fraga, reunidos neste volume, concedem, em geral, uma atenção permanente ao controverso e estimulante tema das raízes filosóficas do pensamento de Antero. Neles poderemos colher apreciáveis clarificações ao debate que tem animado os estudos anteriores, salientando-se, entre outros tópicos: o arrimo do filósofo alemão Eduard von Hartmann para integrar a mundividência que o desenvolvimento das ciências oferecia a um pensamento metafísico renovado; a persistência do hegelianismo da sua formação inicial para resistir ao radicalismo que lhe trazia a

---

<sup>37</sup> *Ibidem.*

conceção da religião proposta pelo filósofo seu contemporâneo; a abertura que a obra de Proudhon lhe proporcionou para conduzir a crítica à dialética hegeliana e alimentar a sua inclinação para os temas da justiça social; a pertinência de um forte sentimento religioso que sempre o acompanhou e criou dificuldades à integração de muitos dos seus temas num sistema ordenado de ideias. Sobressai ainda o interesse pelos temas relacionados com o iberismo e o federalismo peninsular, assim como a ligação de Antero «aos Açores e, em particular, à sua ilha natal»<sup>38</sup>. Finalmente, os dois textos que encerram o volume, não obstante a incidência na obra de dois destacados anterianistas, não deixam de se envolver na discussão do pensamento de Antero no quadro de alguns dos temas que acima enunciámos.

No ano em que se completa o primeiro centenário do nascimento de Gustavo de Fraga, cumpre-se a evocação da sua memória, tornando acessível e preservada esta pequena, mas inestimável, parcela do seu legado que, até hoje, se encontrava dispersa por revistas, volumes de homenagem a antigos colegas, atas de congressos e colóquios.

Ponta Delgada, 13 de junho de 2022

*José Luís Brandão da Luz*

---

<sup>38</sup> Gustavo de Fraga, «Na rota de Antero Insulano», p. 39.